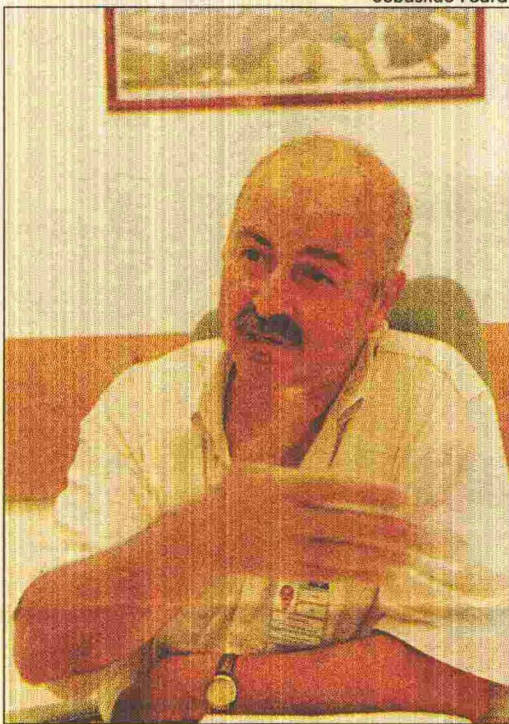


Profissão cada vez menos liberal

Mercado está saturado nas grandes cidades e salários continuam baixos. Professores já prevêem diminuição na procura, como ocorre nos EUA

Sebastião Pedra



Francisco Stuckert



Para Mourad, médico é cada vez mais assalariado. Estudantes devem estar atentos e manter a dedicação à escolha

O curso de Medicina, tradicionalmente, é um dos mais concorridos em várias universidades brasileiras. Na Universidade de Brasília, cerca de 80 candidatos concorrem a uma única vaga, número que pode chegar a 150 em algumas universidades. Ser médico é sonho de muitos vestibulandos que buscam, além de realização pessoal, o *status* que a profissão oferece.

Mas, antes de renunciar a muitas regalias e mergulhar nos estudos para conseguir entrar na universidade, o candidato precisa pensar muito nas razões que o levaram a escolher a profissão: o médico está perdendo gradativamente o destaque social que possuía, e os salários também diminuíram muito.

Assalariado

"Medicina já não é mais profissão liberal", revela o diretor da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da UnB, Mourad Belaciano. "Médico é cada vez mais um assalariado como outro qualquer". Sua

afirmação está baseada na realidade norte-americana, onde a busca pela profissão tem diminuído sensivelmente, e tem aumentado o índice de evasão dos cursos. "No Brasil, os índices continuam os mesmos mas esta é uma tendência que deve chegar logo ao País", acredita.

De acordo com ele, a principal responsável por esta mudança é a saturação do mercado, que já chega a níveis insustentáveis nos grandes centros. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo têm muito mais médicos que o necessário.

Tendências

"A tendência do mercado são as médias e pequenas cidades", revela Paulo Gonçalves, professor do Departamento de Cirurgia da UnB e médico proctologista do Hospital Universitário. "Estes locais ainda têm carências de médicos em muitas especialidades", afirma.

As pequenas cidades, diz ele, precisam principalmente de cirurgiões, clínicos, pediatras, ginecologistas e obste-

tras, mas que tenham uma formação generalista. Esta, aliás, é outra tendência da profissão. Muitos governos já adotam programas de saúde da família, que necessitam de médicos com formação geral, e que pagam muito bem. "Um bom exemplo é o Saúde em Casa que paga R\$ 4 mil para seus médicos, enquanto a própria Fundação Hospitalar paga R\$ 1.250 para os médicos iniciantes", lembra o diretor da FS, Mourad Belaciano.

Renúncia

Para os futuros estudantes de Medicina, é preciso, além de estar antenados com as mudanças da profissão, aprender desde cedo o pleno significado da palavra renúncia. "É preciso muito estudo, muita dedicação e saber que vai encontrar um reconhecimento social mais difícil e uma realização profissional mais complicada de ser alcançada", acredita Belaciano.

Já o professor Paulo Gonçalves defende que o requisito fundamental para o bom médico é a paixão. "Se o aluno fi-

zer o curso por *status* vai se decepcionar, vai ficar frustrado porque ele não vai ficar rico com a Medicina", diz ele, um assumido apaixonado pela profissão. "A satisfação de aliviar o sofrimento das pessoas é impagável".

Recompensa

Paulo Gonçalves lembra que um médico trabalha em média 12 horas — além dos dois plantões noturnos semanais — precisa mais de um emprego para ter uma vida confortável e tem de estar disponível a qualquer hora do dia ou da noite. "A família às vezes reclama, mas acaba entendendo quando vê que você está feliz", conta.

E o recado dele para quem quer fazer o curso, mas desanima com tamanha dedicação ou não tem paixão suficiente é: faça outro curso. "Se você passa no vestibular para Medicina, você tem o privilégio de optar, porque passa em qualquer outro curso", lembra.

HELAYNE BOAVENTURA

Repórter do Jornal de Brasília

'Não pense só em ganhar dinheiro'

A dedicação necessária para o curso não assusta a maioria dos estudantes de Medicina. Eles dizem que estão preparados para as agruras da profissão e garantem que não entraram no curso em busca de *status*. Mesmo assim, eles acreditam que a maioria dos vestibulandos que se inscreveram no curso tiveram motivos econômicos para isso.

"A maioria não tem vocação mesmo, só entra querendo ganhar dinheiro", acredita Alexandre Cardoso, 21 anos, aluno do terceiro semestre do curso da UnB, membro de uma família de médicos. Entre tios, primos, e o próprio pai, existem dez médicos em sua família. "Meu pai nunca me estimulou a entrar no curso, e quando decidi, lembrou as desvantagens da profissão, mas quando notou que eu queria mesmo, ele me apoiou e ficou muito orgulhoso", conta.

Já Marco Aurélio Neroski, 22 anos, aluno do quarto semestre, vai ser o primeiro médico da família, e diz que muitos estudantes fazem o curso por puro desafio. "Eles são os primeiros do colégio e entram no curso só para se afirmar, mas no primeiro semestre largam", conta.

Aos interessados em entrar na profissão, eles dão alguns conselhos: é preciso estar disposto a estudar bastante a vida toda e trabalhar muito em vários empregos, conseguir separar muito bem a vida pessoal da profissional (para não entrar em conflito com a família) e, acima de tudo, abrir mão de suas vontades para pensar nas necessidades dos outros. Ou seja, ter espírito altruísta, é fundamental. "Não pense somente em ganhar dinheiro", lembra Marco Aurélio. "Pelo esforço do curso, o tempo que toma em uma profissão considerada de risco, é preciso ter muita vontade". (H.B.)